

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.

PAULO COELHO

BRIDA

PA
RA
LE
A

Copyright © 1990 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria s.l.u.,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schvarcz S.A.

*Grafiça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Brida / Paulo Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela,
2017.

ISBN 978-85-8439-069-4

1. Ficção brasileira I. Título.

17-03654

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Para N.D.L.,
que realizou os milagres;
Christina, que faz parte
de um deles; e Brida.

Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente, até encontrá-la?

E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas dizendo: “Alegrai-vos porque achei a dracma que eu havia perdido”.

Lucas 15,8-9

Advertência

No livro *O diário de um mago*, troquei duas das Práticas de RAM por exercícios de percepção que havia aprendido na época em que lidei com teatro. Embora os resultados fossem rigorosamente os mesmos, isso me valeu uma severa reprimenda de meu Mestre. “Não importa se existem meios mais rápidos ou mais fáceis; a Tradição jamais pode ser trocada”, disse ele.

Por causa disso, os poucos rituais descritos em *Brida* são os mesmos praticados durante séculos pela Tradição da Lua — uma Tradição específica, que requer experiência e prática na sua execução. Utilizar tais rituais sem orientação é perigoso, desaconselhável, desnecessário, e pode prejudicar seriamente a Busca Espiritual.

PAULO COELHO

Antes de começar

Sentávamos toda noite num café em Lourdes. Eu, um peregrino do sagrado Caminho de Roma, que precisava andar muitos dias em busca do meu Dom. Ela, Brida O’Fern, controlava determinada parte deste caminho.

Numa dessas noites resolvi perguntar-lhe se ela experimentara uma emoção muito forte ao conhecer determinada abadia, parte da trilha em forma de estrela que os Iniciados percorrem nos Pireneus.

— Nunca estive lá — respondeu.

Fiquei surpreso. Afinal de contas, ela já possuía um Dom.

— Todos os caminhos levam a Roma — disse Brida, usando um velho provérbio para me dizer que os Dons podiam ser despertados em qualquer lugar. — Fiz meu Caminho de Roma na Irlanda.

Em nossos encontros seguintes ela me contou a história de sua busca. Quando acabou, perguntei se podia, algum dia, escrever o que tinha ouvido.

Ela concordou num primeiro momento. Mas, cada vez que nos encontrávamos, ia colocando um obstáculo. Pediu que trocasse os nomes das pessoas envolvidas, queria saber que tipo de gente ia ler e como as pessoas iam reagir.

— Não posso saber — respondi. — Mas creio que não é por causa disso que você está criando tanto problema.

— Tem razão — disse ela. — É porque acho que é uma experiência muito particular. Não sei se as pessoas podem tirar alguma coisa de proveitoso dela.

Este é um risco que agora corremos juntos, Brida. Um texto anônimo da Tradição diz que cada pessoa, em sua existência, pode ter duas atitudes: Construir ou Plantar. Os construtores podem demorar anos em suas tarefas, mas um dia terminam aquilo que estavam fazendo. Então param, e ficam limitados por suas próprias paredes. A vida perde o sentido quando a construção acaba.

Mas existem os que plantam. Estes às vezes sofrem com as tempestades, as estações, e raramente descansam. Mas, ao contrário de um edifício, o jardim jamais para de crescer. E, ao mesmo tempo em que exige a atenção do jardineiro, também permite que, para ele, a vida seja uma grande aventura.

Os jardineiros se reconhecerão entre si — porque sabem que na história de cada planta está o crescimento de toda a Terra.

O AUTOR

IRLANDA

agosto de 1983 — março de 1984

VERÃO E OUTONO

— Quero aprender magia — disse a moça.

O Mago olhou para ela. Jeans desbotado, camiseta e o ar de desafio que toda pessoa tímida costuma usar quando não devia. “Devo ter o dobro da idade dela”, pensou. E, apesar disso, sabia que estava diante da sua Outra Parte.

— Meu nome é Brida — continuou ela. — Desculpe não ter me apresentado. Esperei muito por este momento, e estou mais ansiosa do que pensava.

— Para que você quer aprender magia? — perguntou ele.

— Para responder a algumas perguntas de minha vida. Para conhecer os poderes ocultos. E, talvez, para viajar ao passado e ao futuro.

Não era a primeira vez que alguém ia até o bosque lhe pedir isso. Houve época em que fora um Mestre muito conhecido e respeitado pela Tradição. Aceitara vários discípulos e acreditara que o mundo mudaria na medida em que ele pudesse mudar aqueles que o cercavam. Mas havia cometido um erro. E os Mestres da Tradição não podem cometer erros.

— Você não se acha muito jovem?

— Tenho vinte e um anos — disse Brida. — Se quisesse aprender balé agora, já seria considerada velha demais.

O Mago fez um sinal para que ela o acompanhasse. Os dois começaram a caminhar juntos pelo bosque, em silêncio. “Ela é bonita”, pensava ele, enquanto as sombras das árvores iam mudando rapidamente de posição — porque o sol já estava perto do horizonte. “Mas tenho o dobro da idade dela.” Isso significava que possivelmente iria sofrer.

Brida estava irritada com o silêncio do homem que caminhava ao seu lado; sua última frase não merecera sequer um comentário da parte dele. O chão da floresta estava úmido, coberto de folhas secas; ela também reparou nas sombras mudando e na noite caindo rapidamente. Dali a pouco ia escurecer, e eles não estavam carregando lanterna alguma.

“Preciso confiar nele”, encorajava a si mesma. “Se acredito que ele pode me ensinar magia, acredito também que ele pode me guiar por uma floresta.”

Continuaram caminhando. Ele parecia andar sem qualquer rumo, de um lado para outro, mudando de direção sem que qualquer obstáculo estivesse interrompendo seu caminho. Mais de uma vez andaram em círculos, passando três ou quatro vezes pelo mesmo lugar.

“Quem sabe está me testando.” Estava resolvida a ir até o fim com aquela experiência e procurava demonstrar que tudo que estava ocorrendo — inclusive as caminhadas em círculo — eram coisas perfeitamente normais.

Viera de muito longe e havia esperado muito por aquele encontro. Dublin ficava a quase 150 quilômetros de distância, e os ônibus até aquela aldeia eram desconfortáveis e saíam em horários absurdos. Ela teve que acordar cedo, viajar três horas, perguntar por ele na cidadezinha, explicar o que desejava com um homem tão estranho. Finalmente lhe indicaram a área do bosque onde ele costumava ficar durante o dia — mas não sem antes alguém preveni-la de que ele já tentara seduzir uma das moças da aldeia.

“Ele é um homem interessante”, pensou consigo mesma. O caminho agora era uma subida, e ela começou a torcer para que o sol demorasse ainda um pouco mais no céu. Tinha medo de escorregar nas folhas úmidas que estavam no chão.

— Por que você quer mesmo aprender magia?

Brida ficou contente porque o silêncio havia sido quebrado. Repetiu a resposta que dera antes.

Mas ele não se deu por satisfeito.

— Talvez você queira aprender magia porque ela é misteriosa e oculta. Porque tem respostas que poucos seres humanos conseguem encontrar em sua vida inteira. Mas, sobretudo, porque ela evoca um passado romântico.

Brida não disse nada. Não sabia o que dizer. Ficou desejando que ele voltasse ao seu silêncio habitual, porque estava com medo de dar uma resposta de que o Mago não gostasse.

Chegaram finalmente ao alto de um monte, depois de atravessarem o bosque inteiro. O terreno ali ficava ro-

choso e despido de qualquer vegetação; mas era menos escorregadio, e Brida acompanhou o Mago sem qualquer dificuldade.

Ele sentou-se na parte mais alta e pediu que Brida fizesse o mesmo.

— Outras pessoas já estiveram aqui antes — disse o Mago. — Vieram me pedir que eu lhes ensinasse magia. Mas eu já ensinei tudo que precisava ensinar, já devolvi à humanidade o que ela me deu. Hoje quero ficar sozinho, subir as montanhas, cuidar das plantas e comungar com Deus.

— Não é verdade — respondeu a moça.

— O que não é verdade? — Ele estava surpreso.

— Talvez queira comungar com Deus. Mas não é verdade que queira ficar sozinho.

Brida se arrependeu. Disse tudo aquilo num impulso, e agora era tarde demais para consertar seu erro. Talvez existissem pessoas que gostassem de ficar sozinhas. Talvez as mulheres precisassem mais dos homens do que os homens das mulheres.

O Mago, entretanto, não parecia irritado quando tornou a falar.

— Vou lhe fazer uma pergunta — disse. — Você tem que ser absolutamente sincera em sua resposta. Se me falar a verdade, eu lhe ensino o que me pede. Se mentir, nunca mais deve voltar a esta floresta.

Brida respirou aliviada. Era apenas uma pergunta. Não precisava mentir, isso era tudo. Sempre achou que os Mestres, para aceitarem seus discípulos, exigiam coisas mais difíceis.

Ele sentou-se bem na sua frente. Seus olhos estavam brilhantes.

— Suponhamos que eu comece a lhe ensinar o que aprendi — falou, com os olhos fixos nos olhos dela. — Comece a lhe mostrar os universos paralelos que nos rodeiam, os anjos, a sabedoria da natureza, os mistérios da Tradição do Sol e da Tradição da Lua. E, certo dia, você desce à cidade para comprar alguns alimentos e encontra no meio da rua o homem de sua vida.

“Não saberia reconhecê-lo”, pensou ela. Mas resolveu ficar calada; a pergunta parecia mais difícil do que tinha imaginado.

— Ele percebe a mesma coisa, e consegue se aproximar de você. Os dois se apaixonam. Você continua seus estudos comigo, eu lhe mostro a sabedoria do Cosmos durante o dia, ele lhe mostra a sabedoria do Amor durante a noite. Mas chega um determinado momento em que as duas coisas não podem mais caminhar juntas. Você precisa escolher.

O Mago parou de falar por alguns instantes. Antes mesmo de perguntar, teve medo da resposta da moça. Sua vinda, naquela tarde, significava o final de uma etapa na vida de ambos. Ele sabia disso, porque conhecia as tradições e os desígnios dos Mestres. Precisava tanto dela quanto ela dele. Mas ela devia falar a verdade naquele momento; era a única condição.

— Agora me responda com toda a franqueza — disse, enfim, tomando coragem. — Você largaria tudo o que aprendeu até então, todas as possibilidades e todos os mistérios que o mundo da magia poderia lhe proporcionar, para ficar com o homem da sua vida?

Brida desviou os olhos dele. À sua volta estavam as montanhas, as florestas, e lá embaixo a pequena aldeia começava a acender suas luzes. As chaminés fumegavam, daqui a pouco as famílias estariam reunidas em torno da mesa para jantar. Trabalhavam com honestidade, temiam a Deus e procuravam ajudar o próximo. Faziam aquilo tudo porque conheciam o amor. Suas vidas estavam explicadas, eram capazes de entender tudo o que se passava no Universo, sem jamais terem ouvido falar de coisas como a Tradição do Sol e a Tradição da Lua.

— Não vejo nenhuma contradição entre a minha busca e a minha felicidade — disse ela.

— Responda ao que lhe perguntei. — Os olhos do Mago estavam fixos nos olhos dela. — Você largaria tudo por essa pessoa?

Brida sentiu uma vontade imensa de chorar. Não era apenas uma pergunta, era uma escolha, a escolha mais difícil que as pessoas têm que fazer na vida. Já pensara muito sobre isso. Houve época em que nada mais no mundo era tão importante quanto ela mesma. Teve muitos namorados, sempre acreditou que amava cada um e sempre viu o amor acabar de uma hora para outra. De tudo o que conhecia até então, o amor era o mais difícil. No momento estava apaixonada por alguém que tinha pouco mais que sua idade, estudava Física e via o mundo de um modo completamente diferente do dela. Mais uma vez estava acreditando no amor, apostando nos seus sentimentos, mas se decepcionara tantas vezes que não tinha mais certeza de nada. Mesmo assim, esta era ainda a grande aposta da sua vida.

Evitou olhar para o Mago. Seus olhos se fixaram na cidade com chaminés fumegando. Era através do amor que todos procuravam entender o Universo desde o começo dos tempos.

— Eu largaria — disse finalmente.

Aquele homem a sua frente jamais iria entender o que se passava no coração das pessoas. Era um homem que conhecia o poder, os mistérios da magia, mas não conhecia as pessoas. Tinha os cabelos grisalhos, a pele queimada pelo sol e o físico de quem está acostumado a subir e descer aquelas montanhas. Era encantador, com seus olhos refletindo sua alma cheia de respostas, e devia estar mais uma vez decepcionado com os sentimentos dos seres humanos comuns. Ela também estava decepcionada consigo mesma, mas não podia mentir.

— Olhe para mim — disse o Mago.

Brida estava com vergonha. Mas olhou assim mesmo.

— Você falou a verdade. Eu vou lhe ensinar.

A noite caiu por completo, e as estrelas brilhavam num céu sem lua. Em duas horas Brida contou sua vida inteira para aquele desconhecido. Tentou buscar fatos que explicassem seu interesse por magia — como visões na infância, premonições, chamados interiores —, mas não conseguiu encontrar nada. Sentia vontade de conhecer, e isso era tudo. E por causa disso já frequentara cursos de astrologia, tarô, numerologia.

— São apenas linguagens — disse o Mago. — E não são as únicas. A magia fala todas as linguagens do coração do homem.

— O que é magia, então? — perguntou ela.

Mesmo no escuro, Brida percebeu que o Mago virou o rosto. Estava olhando o céu, absorto, quem sabe em busca de uma resposta.

— Magia é uma ponte — disse enfim. — Uma ponte que permite a você andar do mundo visível para o invisível. E aprender as lições de ambos os mundos.

— E como posso aprender a cruzar essa ponte?

— Descobrimo sua maneira de cruzá-la. Cada pessoa tem sua maneira.

— Foi o que vim buscar aqui.

— Existem duas formas — respondeu o Mago. — A Tradição do Sol, que ensina os segredos através do espaço, das coisas que nos cercam. E a Tradição da Lua, que ensina os segredos através do Tempo, das coisas que estão presas na memória do tempo.

Brida havia entendido. A Tradição do Sol era aquela noite, as árvores, o frio no seu corpo, as estrelas no céu. E a Tradição da Lua era aquele homem à sua frente, com a sabedoria dos antepassados brilhando nos olhos.

— Aprendi a Tradição da Lua — disse o Mago, como se estivesse adivinhando seus pensamentos. — Mas jamais fui um Mestre nela. Sou um Mestre na Tradição do Sol.

— Mostre-me a Tradição do Sol — falou Brida, desconfiada, porque havia pressentido uma certa ternura na voz do Mago.

— Vou lhe ensinar o que aprendi. Mas são muitos os caminhos da Tradição do Sol.

“É preciso ter confiança na capacidade que cada pessoa tem de ensinar a si mesma.”

Brida não estava enganada. Havia mesmo ternura na voz do Mago. Aquilo a assustava, em vez de deixá-la mais à vontade.

— Sou capaz de entender a Tradição do Sol — disse.

O Mago parou de olhar as estrelas e se concentrou na menina. Sabia que ela ainda não era capaz de aprender a Tradição do Sol. Mesmo assim, devia ensiná-la. Certos discípulos escolhem os seus Mestres.

— Quero lembrar uma coisa, antes da primeira lição — disse. — Quando alguém encontra seu caminho, não pode ter medo. Precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada.

— Ferramentas estranhas — falou Brida. — Muitas vezes fazem com que as pessoas desistam.

O Mago conhecia o motivo. Já havia experimentado no corpo e na alma estranhas ferramentas de Deus.

— Ensine-me a Tradição do Sol — insistiu ela.

O Mago pediu que Brida encostasse numa saliência da rocha e relaxasse.

— Não precisa fechar os olhos. Veja o mundo ao seu redor e perceba tudo que puder perceber. Em cada momento, diante de cada pessoa, a Tradição do Sol mostra a sabedoria eterna.

Brida fez o que o Mago estava mandando. Mas achou que ele estava indo muito rápido.

— Esta é a primeira e mais importante lição — disse ele. — Foi criada por um místico espanhol, que entendeu o significado da fé. Seu nome era Juan de La Cruz.

Olhou para a menina, entregue e confiante. Do fundo do seu coração, torceu para que ela entendesse o que estava para lhe ensinar. Afinal de contas ela era a sua Outra Parte, mesmo que ainda não soubesse, mesmo que ainda fosse muito jovem e estivesse fascinada pelas coisas e pelas pessoas do mundo.